

XI DOMINGO do TEMPO COMUM - Ano A



Evangelho: Mt 9,36-10,8

“Jesus chamou seus doze discípulos
e os enviou”

Ir. Aneti Maria Neumann, sjbp
Ir. Uezineire Ribeiro, sjbp

Autoridade que nasce da compaixão

Este evangelho de hoje introduz o segundo grande discurso que nos apresenta o evangelho, o discurso apostólico. Diz-nos Mateus que Jesus percorria cidades e aldeias, ensinando na sinagoga, proclamando o Reino de Deus e curando enfermos; são as três grandes ações do Messias.

Ao ver a multidão sentiu compaixão dela e pediu a seus discípulos que rogassem a Deus para que enviasse mais evangelizadores a seu povo.

Vendo a necessidade que tem a comunidade, Jesus os faz participantes de sua missão, de sua ação messiânica que até então ele havia assumido sozinho. Vão falar sobre o Reino, curar os enfermos; numa palavra, trata-se de os discípulos continuarem a ação profética de Jesus, sua missão. Também é preciso dizer que, ao participar da missão de Jesus nos fazemos participantes de seu destino, participantes da cruz e da ressurreição. Anunciar uma nova sociedade é um compromisso que implica toda nossa vida.

O evangelho de hoje pode ser dividido em três partes: **a primeira** descreve as necessidades do povo pelo qual Jesus sente compaixão; **a segunda** fala do chamado que o Mestre faz a um grupo de pessoas concretas para que assumam o compromisso missionário que vai propor. **A terceira**: o próprio Jesus faz as primeiras recomendações ao grupo de discípulos que chamou para que dêem testemunho do reino como projeto de nova humanidade. A missão de Jesus e dos futuros missionários está estreitamente ligada à vida dos pobres.

O Senhor fez opção aberta pelos pobres; a eles dedicou grande parte de sua missão, até convertê-los em cidadãos privilegiados do reino. Os pobres, os deserdados das oportunidades básicas para viver, devem ser também para nós um referencial a fim de que concretizemos a missão de servir à causa de Jesus, e uma exigência de construir com eles alternativas de dignidade humana. Os pobres são os melhores mestres de vida em compreensão da mensagem do Messias. Eles, que são a maioria da humanidade, nos indicam um caminho para construir o reino.

O teólogo Pagola em seus escritos salienta a visão do evangelista Mateus abordando a atividade de Jesus (Mt 9,23) mostrando a raiz da sua ação, que nasce da visão da realidade, que o leva a compadecer-se, isto é, a

sentir junto com o povo cansado e abatido. Jesus olha muito atento às pessoas que sofrem: ao paralítico de Cafarnaum, ao cego de Jericó, à mulher encurvada e, suas entranhas se comovem. Não é capaz de passar sem fazer alguma coisa para aliviar o sofrimento deles. Os evangelhos nos apresentam, com frequência, o olhar de Jesus às “multidões” com fome, ou todo tipo de enfermidades ou outros males e sentia muita compaixão. Mateus nos recorda “Ao ver as multidões, compadeceu-se delas porque estavam extenuadas e abandonadas como ovelhas sem pastor” (Jo 9,36).

Jesus propõe o verdadeiro sentido da compaixão: sofrer junto, sentir em si mesmo as dores e os problemas do povo. Quando sentimos dor, temos que fazer alguma coisa para resolvê-la, assim um verdadeiro líder deveria fazer com o seu povo. Hoje existe uma decadência de verdadeiros líderes, muitos giram em torno de si mesmo. Interessante que a falta de pastor alude ao povo abandonado, traído em sua confiança, sejam eles políticos, religiosos ou intelectuais que, ao invés de servir ao povo, servem-se deles para satisfazer seus caprichos pessoais e principalmente a sua sede de poder. Relembra também neste texto a passagem do profeta Ezequiel (cf. Ez 34): Deus indignado com o descaso das autoridades cuidará especialmente das ovelhas. Deus as livrará das nações (poder estrangeiro) e proverá alimento, justiça, segurança, força e providenciará um Pastor descendente de Davi.

Jesus sabe que sua tarefa é enorme e os trabalhadores são poucos. Qual será a solução? A oração. Por isso Ele lança um convite aos homens e mulheres de todos os tempos: “Peçam ao Senhor da Messe que envie trabalhadores...” Jesus chama os doze e lhes concede a sua própria autoridade: deverão percorrer o mundo, transformando as relações humanas, curando os doentes e estabelecendo o reino de um Deus libertador.

Deus não é propriedade dos Cristãos. Ele não deve ser monopolizado por nenhuma religião, nem Catedral, Mesquita ou Sinagoga. Deus habita em todo ser humano, acompanhando cada um em suas alegrias e desgraças, não deixa ninguém abandonado, pois tem seus caminhos para encontrar a cada um, sem ter que seguir necessariamente os que nós indicamos. Jesus via (Deus Pai) cada manhã “fazendo surgir o sol sobre bons e maus”. O que Ele deseja é ver desde agora e para sempre, a humanidade inteira desfrutando de sua criação.

Este Deus sofre na carne dos famintos e humilhados, está nos oprimidos defendendo sua dignidade e nos que lutam contra a opressão, dando ânimo a seus esforços. Está sempre pronto para “buscar e salvar” o que nós deturpamos e deixamos se perder. Deus não quer que a pessoa humana se perca, mas quer salvar e dar a vida a todos (Jo 3,17).

No Evangelho aparece o relato da missão dos doze precedida da atividade incansável de Jesus na pregação e nas curas. A urgência apostólica de que se vai tratar tem suas raízes na urgência do mesmo Jesus que ensina, prega e cura. O ensinamento de Cristo nas sinagogas tem a forma de ensinamento tradicional, porém com um elemento novo: a pregação do Reino.

Conclusão:

A missão não é simples, é uma tarefa que exige um sair de si e ir ao encontro dos outros. Não devemos ter medo da missão, pois Jesus capacita seus escolhidos. Ele chamou os doze Apóstolos e os instruiu para anunciar o Reino. O que é necessário para ser um verdadeiro discípulo missionário? Não é preciso muito dinheiro, muita preparação, provisão e defesa, somente uma atitude de disponibilidade, gratuidade, paciência e um coração cheio de compaixão para ser ora ovelha, ora pastor.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIA SAGRADA Ed. Pastoral.

PAGOLA, JOSÉ ANTÔNIO. **O Caminho Aberto por Jesus**. Evangelho de Mateus. Ed. Vozes, 2013.

STORNILO Ivo. **Como ler o Evangelho de Mateus**. São Paulo. Ed. Paulus, 2005.



Irmãs Pastorinhas